

RACE HORSE

ANO 1 - Nº 1

DEZEMBRO/1987



INTERNACIONAL

**L'Arc de Triomphe
All American**

NACIONAL

**Derby Paulista
Tríplice Coroa**

A VOZ DO JOCKEY

Na família Genovesi existe entre pai e filho uma indisfarçável cumplicidade e uma rara vocação. Corridas, apostas e leilões ganham alma com essa dupla.

MIGUEL ÂNGELO FILIAGE

O pai, bonachão convicto, com o humor afiado de quem está de bem com a vida, vai logo dizendo, com indisfarçável orgulho:

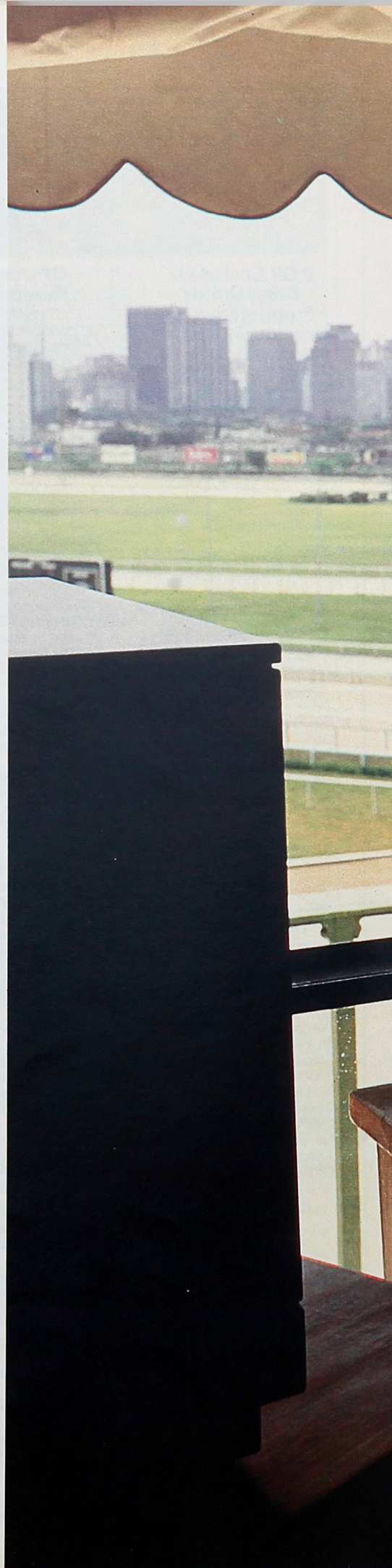
– Sim, gosto de jogar. Gosto de corridas. Adoro o Jockey.

Se não gostasse tanto de jogar com certeza esse pai, um simpático senhor de 52 anos bem vividos que todos preferem chamá-lo de “gordinho”, não poderia ter encaminhado o filho para a sua verdadeira vocação tão cedo. Pai e filho hoje são conhecidíssimos, ninguém no ramo de cavalos de corrida desconhecem seus nomes. Profissionalmente um está em total sintonia com o outro. Uma cumplicidade que torna a vida de pai e filho, a chamada vida doméstica, bem mais amena. O pai, novamente com orgulho, até reconhece que o filho – esse menino que até outro dia brincava no Jockey, enquanto ele transmitia corridas – é hoje muito mais importante do que ele. Uma vocação fulminante, um caso raríssimo. O pai considera o filho, de 25 anos, a sua “galinha de ovos de ouro”

Conflito de geração? Nem dá para pensar sobre o tema. Se pensassem, contudo, os dois perceberiam que possuem mais pontos em comum. O pai, na verdade, só desmancha o largo sorriso quando lembra que o filho vai deixá-lo. Não profissionalmente. Vai casar. É o curso natural da vida, filosofia e se conforma. Elimina o largo sorriso, abaixa os olhos e murmura: “Sabe, vou sentir falta dele. Gosto muito dele. Vai casar em fevereiro.” Casado o filho, o pai não o terá todo dia, para trocar confidências, falar de cavalos, daquele páreo, da última piada...

A vida de Nilson Genovesi, o pai, sempre foi assim. Não esconde nada. Nunca escondeu, por exemplo, sua paixão pelas apostas em corridas de cavalos. “O que me prendeu ao turfe foi o fato de gostar de apostas”, enfatiza e completa o raciocínio: “se não gostasse das apostas não teria descoberto uma profissão para mim. Talvez continuasse sendo redator da Editora Abril e meu filho hoje talvez fosse

Fotos: Alvaro Maya





A VOZ DO JOCKEY

engenheiro”.

Nilson Genovesi pode ser encontrado todas às segundas, quartas, quintas, sábados e domingos no Jockey Club de São Paulo transmitindo os páreos e/ou apostando em cavalos. Atualmente, com exclusividade, transmite pela Rádio Record FM todos os páreos. Transmite e aposta. “Mais perco do que ganho”. Mas quando ganha é para valer. Prefere jogar na trifeta (acertar os três primeiros colocados).

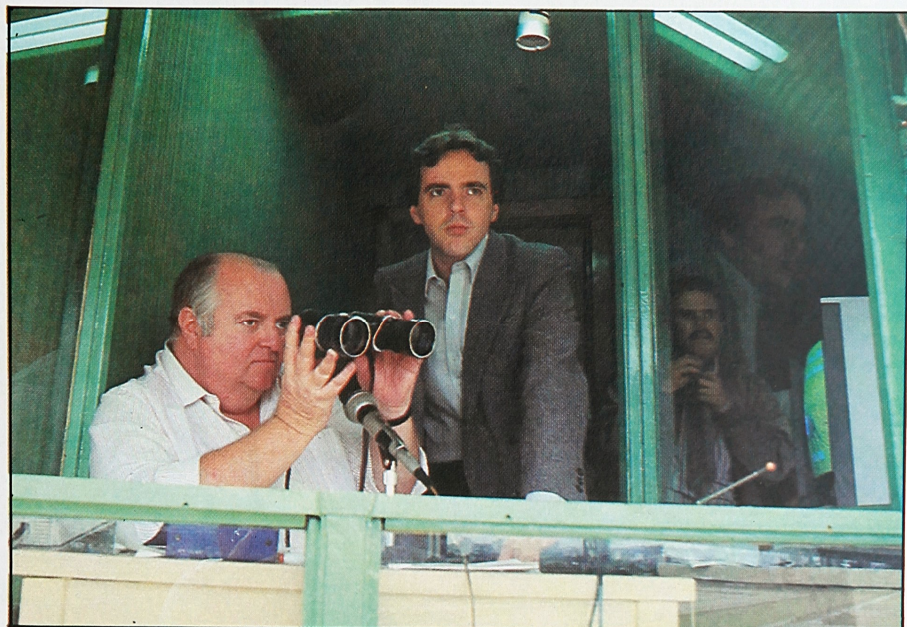
Quem acompanha turfe sabe que Nilson Genovesi sempre será encontrado no Jockey. É uma vida de 35 anos dedicada ao assunto. Já transmitiu turfe de quase todas as rádios de São Paulo. Para falar a verdade, ele só não transmitiu da Rádio Bandeirantes e da Cultura. E a palavra é *transmitir* mesmo. Não é *trabalhar* na rádio... Desde que foi para a antiga Rádio Apolo, com 30 anos, sempre comprou o horário das emissoras. Antes sim, antes trabalhou na Rádio América, por cinco anos. Começou irradiando corridas de trote. Virou logo locutor oficial do Jockey. Na Rádio Apolo, e daí por diante, decidiu correr riscos, apostar nele mesmo. Montou equipe e resolveu assumir definitivamente sua paixão como profissão. Ganhou, ganha muito dinheiro. Já ganhou muito mais. Mas não conseguiu armazenar grandes posses. É do tipo, digamos, gastador. “Não me arrependo de nada. Tenho uma vida confortável, nada mais do que isso”. Guarda, porém, um grande tesouro e que talvez ninguém lhe tirará. Para revelá-lo é preciso voltar ao Jânio Quadros de 1961.

Cedro e coroa

Naquele ano, em maio, Jânio, com seu moralismo exacerbado, proibiu corridas de cavalos durante a semana. Só aos domingos era permitido. Um drama para a vida e para o bolso de Genovesi que, ao mesmo tempo, era locutor do Jockey de São Paulo, do Trote, dos hipódromos de Campinas e São Vicente. Sem a lei era totalmente possível conciliar e atender a todos. As largadas, as corridas entre hipódromos não coincidiam durante a semana. A lei fez com que o hipódromo de Campinas



Na pequena sala de locução, Nilsinho munido de um possante binóculo Zenith não demora mais que cinco minutos para decorar os páreos



Os Nilsons, pai e filho, 35 anos dedicados ao turfe

Fotos: Alvaro Maya

entregasse os pontos, desistisse. “O Trote começou a dar corridas pela manhã. À tarde era a vez do Jockey de São Paulo e à noite em São Vicente. Consegui irradiar as três. Uma loucura que me deixava completamente exausto”. Não é para menos. Irradiava 27 páreos por domingo. É exatamente este o seu tesouro. Com certeza ninguém no mundo lhe tirará esse recorde.

Hoje prefere dividir os 220 páreos transmitidos por mês com seu filho e Roberto Casella, locutor contratado por ele. Sua equipe ainda possui seis comentaristas e três repórteres. “Tudo por minha conta. Se uma rádio resolvesse bancar tudo, um programa de turfe assim custaria muito dinheiro. No entanto, a Record recebe mensalmente, livre de qualquer custo, Cz\$ 550 mil, só pelo aluguel do horário”.

Sua transmissão também foge do padrão convencional de outros paí-

ses. Na Argentina, por exemplo, as transmissões, tanto pelo rádio, como para o público presente ao hipódromo, limitam-se ao número do cavalo. “Nós damos o nome dos cavalos. E tudo pelas fardas, o que não é fácil. Imagina que têm fardas vermelhas com estrelinhas brancas e outras vermelhas de bolinhas brancas. Identificar isso de longe, mesmo de binóculos, não é mole”, diz. Nilson Genovesi se diz ainda um bom narrador de turfe. Em tom de brincadeira, no entanto, fala que quando achar “que não estiver mais desempenhando direito, vou carregar a mala do Nilsinho, que vou ganhar mais”.

Talvez ele não precise fazer isso. Na verdade, não seria humilhação alguma e provavelmente ele bem que poderia ganhar mais. Seu filho, Nilson Francisco, o Nilsinho, depois que virou o leiloeiro mais requisitado do País, ganha muito dinhei-

A VOZ DO JOCKEY

ro. Por enquanto, porém, ainda não chegou a época de passar definitivamente o cedro e a coroa para o filho. Mesmo quando se lembra que Nilsinho hoje é locutor oficial do Jockey, com obrigação de narrar quatro vezes por mês.

O programa de rádio garante uma boa receita. E expressiva e selecionada audiência. Em São Paulo estima-se que existam pelo menos 200 mil aficionados por corridas. Cerca de oito mil pessoas vão normalmente ao Prado. As restantes acompanham pelo rádio ou pelas casas de apostas espalhadas pelos bairros da capital. Muita gente aposta numa dessas agências – torce e ouve pelo rádio. “É como jogo de futebol”. Com duas fundamentais diferenças, apontada por Nilson pai e Nilson filho. Nas transmissões de futebol o locutor pode até errar o nome do autor do gol. No turfe essa falha é imperdoável. Envolve dinheiro, muito. Não se pode errar. “É por isso que é raro locutor de turfe, uma profissão muito desprestigiada. Mas não deveria ser assim. Pedro Luís, por exemplo, já fez transmissões de vários esportes. É um grande locutor esportivo. Mas confessou que não consegue fazer turfe”, esclarece Nilson, filho. A outra diferença entre o turfe e futebol é mais recente. Enquanto o turfe adquire cada vez mais público nos hipódromos, o futebol, na mesma velocidade, o vem perdendo nos estádios.

Memória às fardas

Genovesi pai acredita que a diretoria do Jockey poderia dar uma cartada decisiva para transformar as corridas num grande espetáculo. Ter pelo menos dois grandes cinemas em São Paulo onde, na tela, seria transmitido ao vivo as corridas. “Tenho certeza que os cinemas ficariam lotados em todos os páreos. Muita gente não pode ir todo dia no hipódromo, que, às vezes, fica fora de mão”. Ele e o filho então passariam a contar não só com dois microfones naquela apertada sala do Jockey. Um seria para jogar a voz no hipódromo, outro para os rádios e outro para o telão dos cinemas. O trabalho seria o mesmo. Eles estão acostumados. Decorar na hora nome de cavalos é com eles



Nilsinho e Rose, o casório sai em fevereiro

Foto: Alvaro Maya

mesmo. Atualmente existem no Jockey Club de São Paulo cerca de três mil cavalos em atividade, que formam os programas dos páreos. Cada cavalo, estando em boa forma, consegue fazer duas corridas por mês. Mais que isso: são cerca de mil fardas registradas. Ou seja, não é possível conhecer todos os cavalos e nem todas as fardas. É preciso ter memória. E isso é o que não falta para os dois Nilsons. Nilson filho, por exemplo, não precisa de mais do que cinco minutos para decorar todas as fardas e relacioná-las com os respectivos cavalos. Entra na pequena sala com duas mesas. Numa, uma televisão que transmite as corridas. Em outra, dois microfones e um potente binóculos Zenith. Mais uma olhada no programa dos páreos e está pronto para narrar e, na chegada, mesmo em disputadas corridas, também dar o nome do primeiro, segundo, todos os colocados. Raramente erra. A televisão fica ali, só para conferir no teipe depois. Ele prefere o binóculos. É mais seguro.

Nilson filho seguiu o Nilson pai. Com 14 anos fez sua primeira narração, em Vacarias, no Rio Grande do Sul. Não parou mais. Se saiu bem, tinha e tem voz boa. Gostava, gosta muito de cavalos. Seguiu o pai, com 19 anos já era locutor oficial do Jockey. Resolveu fazer engenharia civil por fazer. Quando estava para se formar decidiu finalmente pelo turfe e pelos leilões. Começou fazendo leilões de cavalos, continua requisitadíssimo. Mas atualmente faz até de remate de tênis (leilão para saber qual tenista vai ganhar o jogo). Já fez, vejam só, torneio de golfe. Ano passado bateu o recorde dos leiloeiros: fez 125, em todo o Brasil. Este ano baterá seu próprio recorde. Deve

fechar com cerca de 150. De cada um leva pelo menos 1% do total arrecadado.

Cada leilão tem uma história. Algumas emocionantes, outras nem tanto. Ele lembra um que fez em São Luís do Maranhão, de gado nelore. Os produtos arrematados seriam pagos em 11 parcelas. Um único sujeito começou arrematando o primeiro lote, o segundo, o terceiro, o quarto... Nilson filho desconfiou. Ou era um grande fazendeiro, com muito dinheiro e disposição ou algum gaiato desinformado que não havia entendido que o preço arrematado de cada lote precisaria ser multiplicado por 11. Os lotes não eram nem um pouco baratos. Chamou o gerente, antes de continuar leilando, e pediu que ele tirasse informações (e o informasse discretamente do arrematador compulsivo. E, com sutileza, também averiguasse se o arrematador estava ciente das regras. O gerente voltou e fez sinal de positivo. O homem era quantíssimo, nada menos do que um armador. Nilson filho então se descontraiu, fez alguns elogios ao arrematador e tocou o leilão em frente. Novos lotes foram leiloados, todos arrematados pelo armador. Fechado o leilão foram acertar as contas. E o armador tinha entendido tudo certo, que eram em 11 parcelas. Mas ele pensou que cada parcela era... *dividida* por 11 e não *multiplicada*. Quase teve um troço. Mas, por fim, honrou o compromisso. Realmente tinha muito dinheiro.

As histórias dos Nilsons são muitas. O filho, por exemplo, faz leilões e também arremata em leilões. Quase todo seu dinheiro aplica em cavalos e em cocheiras. Tem uma em Sorocaba, outra em São Vicente – para seus 10 cavalos. Todos já estão correndo. Ele acha que cavalos são um bom investimento, a médio prazo. Se, claro, os cavalos tiverem uma boa performance. Quando seus cavalos estão disputando um páreo, o pai joga com gosto. Ele sempre gostou de jogar. Se não gostasse jamais seria Nilson Genovesi. E Nilson Francisco seria no máximo um engenheiro – sem cavalos de corrida, sem cocheira e com pouco dinheiro no bolso. ■